



**DENISE PEREIRA  
MARISTELA CARNEIRO  
(ORGANIZADORAS)**

# **O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA 2**

**Atena**  
Editora

Ano 2020



**DENISE PEREIRA  
MARISTELA CARNEIRO  
(ORGANIZADORAS)**

# **O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA 2**

**Atena**  
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Karine de Lima

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná



Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco



Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá  
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

B823 O Brasil dimensionado pela história 2 [recurso eletrônico] /  
 Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta  
 Grossa, PR: Atena Editora, 2020. – (O Brasil Dimensionado pela  
 História; v. 2)

Formato: PDF  
 Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader  
 Modo de acesso: World Wide Web  
 Inclui bibliografia  
 ISBN 978-85-7247-915-8  
 DOI 10.22533/at.ed.158201501

1. Brasil – História. 2. Brasil – Fronteiras. I. Pereira, Denise.  
 II. Carneiro, Maristela. III. Série.

CDD 981.65

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Um Brasil, muitos “Brasis”. A própria necessidade de descrever o plural entre aspas aponta para o obrigatório caráter de singularidade que vem com definições como país, nação e território nacional. Entretanto, há algo de profundamente idealista, simplificador e até mesmo pueril a respeito dessa singularização obrigatória. Países, a final, são químicas de muitos compostos e processos, raramente fáceis de delinear.

O Brasil, como qualquer outro país, é produto de conflitos, tensões e representações. Ao mesmo tempo uma imposição de condições circunstanciais e da assimilação de discursos internalizados, o Brasil existe na mente de seus habitantes como uma abstração, uma identidade coletiva, antes de se colocar como uma linha mais coerente de ideias encadeadas. Um recorte geográfico gigantesco. Uma economia complexa. Uma emblemática coleção de territórios, paisagens emocionais, panoramas urbanos. Uma frustrante cadeia de problemas políticos, sociais e ecológicos. Uma história. Múltiplas histórias.

Pois todos os fios das lutas e idiossincrasias que unem para constituir a trama deste país, um quadro complexo, variado e repleto de contradições, não podem ser compreendidos senão como produtos e signos dos contextos históricos em que nasceram. A história oferece um conjunto único de lentes, que nos permite detectar e apreciar os intrincados desenhos que compõem essa rica trama. A história permite dimensionar (e tensionar) diferentes “Brasis”, possibilitando outros olhares e enquadramentos, que complexificam as narrativas que contam e ressignificam o próprio conceito de Brasil.

Economia. Política. Arte. Religião. Educação. Campos de ação que fracionam a experiência humana em unidades compreensíveis e manuseáveis, produzindo especialidades e, mais importante, especificidades. Pela mirada da história podemos vislumbrar cada um destes recortes por intermédio das trajetórias descritas e geradas pelos mesmos, permitindo-nos melhor apreciar as facetas e dimensões deste país. Diferentes campos convergem para construir uma narrativa que auxilie na construção da identidade brasileira, a qual encontra na história um horizonte orientador para suas lutas e desafios. Aqui, a história se torna a pedra de toque para a leitura de diferentes problemáticas, que em última análise se propõem a medir os impactos das ações humanas no tempo e, também, construir um futuro mais humano e com mais acertos.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira  
Maristela Carneiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
“O DIA EM QUE O CACIQUE” ENTOOU “UMA VOZ SOBERANA NO AR”: UM SAMBA DA VAI-VAI E DA NENÊ COMO LINGUAGEM DE PROTESTO EM TEMPOS SOMBRIOS	
<a href="#">Emerson Porto Ferreira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1582015011</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
APONTAMENTOS HISTÓRICO-FILOSÓFICOS SOBRE AS ORIGENS E A DECADÊNCIA IDEOLÓGICA NAS CIÊNCIAS ECONÔMICAS	
<a href="#">Danne Vieira Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1582015012</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
CEARENSES OU PIAUIENSES? REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE NA VILA DE AMARRAÇÃO NO LITORAL DO PIAUÍ NO FINAL DO SÉCULO XIX	
<a href="#">Marcus Pierre de Carvalho Baptista</a>	
<a href="#">Francisco de Assis de Sousa Nascimento</a>	
<a href="#">Elisabeth Mary de Carvalho Baptista</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1582015013</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
CAMINHOS DA HISTÓRIA INDÍGENA: TEORIAS, METODOLOGIAS E PRÁTICAS	
<a href="#">Éder da Silva Novak</a>	
<a href="#">Maria Simone Jacomini Novak</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1582015014</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
CENTRO DE MEMÓRIA E DE PESQUISA HISTÓRICA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (1989-2009): 20 ANOS DE HISTÓRIA	
<a href="#">Marina Carolina Rezende Costa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1582015015</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>58</b>
JUSTIÇA ESTATAL E JUSTIÇA NEGOCIADA: FURTO DE GADO, AÇÃO PENAL E JUSTIÇA NÃO ESTATAL NO BRASIL (1860- 1899)	
<a href="#">Lucas Ribeiro Garro Lourenço</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1582015016</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>70</b>
INTERFACE ENTRE FOUCAULT E BUTLER: CAMINHOS PARA SE PENSAR OS CORPOS, SEXUALIDADES/GÊNEROS, PRÁTICAS DE SI, E RESISTÊNCIAS	
<a href="#">João Marcelo de Oliveira Cezar</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1582015017</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>80</b>
MARANHÃO, A ÚLTIMA CRUZADA ENCANTARIA SEBASTIÂNICA E ESCRITOS CAVALEIRESCOS MEDIEVAIS	
<a href="#">Marcus Baccega</a>	



**DOI 10.22533/at.ed.1582015018**

**CAPÍTULO 9 ..... 95**

HISTÓRIA PÚBLICA E PATRIMÔNIO EM PAULO FRONTIN - PR

[Welerson Fernando Giovanoni](#)

[Michel Kobelinski](#)

**DOI 10.22533/at.ed.1582015019**

**CAPÍTULO 10 ..... 110**

O POBRE: AS REPRESENTAÇÕES DA POBREZA NA IMPRENSA DE JUIZ DE FORA EM FINS DO SÉCULO XIX

[Iolanda Chaves Ferreira de Oliveira](#)

**DOI 10.22533/at.ed.15820150110**

**CAPÍTULO 11 ..... 119**

OS FRANCISCANOS E OS GENTIOS NO BRASIL COLONIAL – A SERVIÇO DA FÉ E DA COROA

[Peter Johann Mainka](#)

**DOI 10.22533/at.ed.15820150111**

**CAPÍTULO 12 ..... 148**

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL “POR DENTRO DA HISTÓRIA”: UM GUIA PARA A METODOLOGIA?

[Francilene Ramos Lourenço Soares](#)

**DOI 10.22533/at.ed.15820150112**

**CAPÍTULO 13 ..... 157**

A PRODUÇÃO FÍLMICA “ARAGUAIA: CAMPO SAGRADO” E A INTERPRETAÇÃO DE SUA NARRATIVA

[Marcondes da Silveira Figueiredo Júnior](#)

**DOI 10.22533/at.ed.15820150113**

**CAPÍTULO 14 ..... 176**

O PENSAMENTO ANARQUISTA NA IMPRENSA ANARQUISTA DURANTE AS CRISES DA DEMOCRACIA NO BRASIL

[Pedro Rachid de Paula Reino](#)

**DOI 10.22533/at.ed.15820150114**

**CAPÍTULO 15 ..... 187**

UMA BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO LULISMO (2003-2010)

[Nathan dos Santos Alves](#)

**DOI 10.22533/at.ed.15820150115**

**CAPÍTULO 16 ..... 198**

A EDUCAÇÃO NO BRASIL E OS PACTOS DA BRANQUITUDE

[Adelina Malvina Barbosa Nunes](#)

[Margareth Diniz](#)

**DOI 10.22533/at.ed.15820150116**

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>208</b>
O ENSINO DA HISTÓRIA, ENTRE A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA E A CULTURA ESCOLAR	
<a href="#">Antonio Carlos Figueiredo Costa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.15820150117</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>217</b>
O TRAÇADO DA GUERRA: A CARICATURA COMO ARMA NA GUERRA DO PARAGUAI (1864 – 1870)	
<a href="#">Theo de Castro e Carneiro</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.15820150118</b>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>229</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>230</b>

## A PRODUÇÃO FÍLMICA “ARAGUAIA: CAMPO SAGRADO” E A INTERPRETAÇÃO DE SUA NARRATIVA

Data de aceite: 05/12/2019

### Marcondes da Silveira Figueiredo Júnior

**RESUMO:** Procurou buscar, a partir do filme “Araguaia: Campo Sagrado” (2011) uma hermenêutica das narrativas dos atores sociais, privilegiando a produção da memória sobre a Guerrilha do Araguaia. Percebendo esse filme como documentário centrou-se no estudo da construção de uma narrativa sobre um fato histórico. Em outro ponto, foi necessária a abordagem sobre a memória trabalhada por Le Goff e Pollak, para que se tenha uma perspectiva sobre a memória coletiva produzida. Utilizando-se da hermenêutica proposta por Gadamer, analisou algumas falas dos sujeitos presentes no filme, buscando identificar sentidos num contexto atual. Problematizou a opressão aos camponeses e guerrilheiros na região de Xambioá e povoados às margens do Rio Araguaia no Tocantins e no Pará, durante o confronto da Guerrilha do Araguaia. As memórias então produzidas são de medo, sofrimento e aversão ao regime instalado na época, bem como se depreende das falas dos sujeitos sociais entrevistados, que ainda há um silêncio velado das agruras então vivenciadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filme; Araguaia–Campo

Sagrado; Regime militar; Guerrilha do Araguaia.

**ABSTRACT:** From the film “Araguaia: Campo Sagrado” (2011), she sought to find a hermeneutic of the narratives of social actors, focusing on the production of the memory on the Araguaia Guerrilla. Realizing this film as a documentary focused on the study of the construction of a narrative on a historical fact. At another point, it was necessary to approach the memory worked by Le Goff and Pollak, in order to have a perspective on the collective memory produced. Using the hermeneutics proposed by Gadamer, she analyzed some speeches of the subjects present in the film, seeking to identify meanings in a current context. He problematized the oppression of peasants and guerrillas in the region of Xambioá and settlements on the Araguaia River in Tocantins and Pará during the confrontation of the Araguaia Guerrilla. The memories then produced are fear, suffering and aversion to the regime installed at the time, as well as from the speeches of the social subjects interviewed, that there is still a veiled silence of the hardships then experienced.

**KEYWORDS:** Film; Araguaia - Sacred Field; Military regime; Guerrilla of the Araguaia.

### 1 | INTRODUÇÃO

No presente artigo se busca analisar a



produção fílmica “Araguaia: Campo Sagrado”, a partir da interpretação de algumas falas dos sujeitos sociais que vivenciaram a Guerrilha do Araguaia ocorrida no início da década de setenta, em pleno regime militar.

Ao escolher a presente temática, o interesse foi despertado pelo conteúdo da história oficial e a história retratada por aqueles que se encontram à margem do conteúdo dos livros de história que retratam o tema. A versão daqueles que viveram e participaram do confronto, na condição de camponeses, traz novos traços para a construção daquela história, permeada de dor, sofrimento e angústia.

Através da utilização da produção fílmica de gênero documentário, o estudo e a rememoração da história passa a ser mais atrativo e significativo, pois se tem a possibilidade de facilitar a formação de ideias sobre um determinado fato histórico.

O método que será utilizado é a hermenêutica, na perspectiva de Gadamer (1999), que propôs uma hermenêutica unitária, onde a busca pelo sentido se inicia nos estudos das percepções dos indivíduos, sendo que essas percepções vêm a se compor pelo somatório dos valores individuais, com a influência dos valores sociais, que serão esteio para toda a atividade de interpretação. Sendo então, realizada uma projeção de sentido, na qual será analisada pela ótica do processo de compreensão.

Busca-se no presente trabalho responder quais as reminiscências que emergem das falas dos entrevistados no documentário “Araguaia: Campo Sagrado”, em um processo de compreensão do que foi a guerrilha do Araguaia e qual a influência do idealizador daquela produção fílmica na produção dos sentidos. Assim, pode-se destacar que o problema de pesquisa então repousa na indagação de como a guerrilha do Araguaia e a própria administração do Estado pelos militares são vistos por aqueles que vivenciaram o regime enquanto observadores dos confrontos entre os agentes estatais e os opositores daquela administração, sem esquecer sua correlação com os elementos exógenos, bem como aqueles inerentes às intencionalidades de quem vem a produzir o documentário.

## 2 | DOCUMENTÁRIO E MEMÓRIA

O cinema, visto como meio de expressão da arte, deve ser explorado também como forma de difusão de um discurso, contribuindo para a construção dos significados sociais. O encontro da arte de filmagem e montagem, bem como o processo de produção, resultam num conjunto de significados, que serão objeto de transmissão, para que os elementos som e imagem possam produzir sentidos.

Nichols (2005) destaca que não se pode dissociar por completo a ficção do documentário, pois várias técnicas são utilizadas tanto na ficção como no gênero documentário, como a própria roteirização, encenação, reconstituição, ensaio e interpretação. Assim, muito embora “Eles estão baseados em suposições diferentes sobre seus objetivos, envolvem um tipo de relação diferente entre o cineasta e seu tema e inspiram expectativas diversas no público” (NICHOLS, 2005, p. 17) não há uma

ruptura completa entre ambos.

O mesmo autor ao abordar as questões das técnicas empreendidas na produção cinematográfica que tentam transmitir a realidade de determinado fato, alerta que toda a construção da película perpassa por um processo de industrialização para dar impressão de autenticidade (NICHOLS, 2005). Neste jogo de imagens selecionadas, dispostas em padrões ou sequências, a interpretação e o significado irão depender de outros fatores.

No cinema a imagem, em geral, é explorada em toda a sua densidade como forma de linguagem e significa sem vir ancorada no verbal. É usada como imagem que é, como forma de linguagem e não como cenário. Portanto, tem aí uma textualidade diferente da que se vê nos outros meios de comunicação. Diferente da imagem na TV, a qual pode boa parte do tempo ser apenas ouvida, a imagem no cinema compõe cada nó no tecido visual, não podendo ser descartada, como na TV (SOUZA, 2001).

Nichols (2005) ao abordar a temática sobre a abordagem conceitual diz que no documentário possui “conceito vago”, até mesmo porque não adota um conjunto fixo de técnicas, possuindo características diversas.

Alerta o autor, também, sobre a existência de filme ficcional e não-ficcional, fazendo uma divisão de gêneros, como sendo os de “satisfação de desejos” e os de “representação social”, assim, os primeiros seriam aqueles que versam sobre os sonhos e pesadelos, tornando visível e audível aquilo que era imaginável. Já os de “representação social” seriam os não-ficcionais, ou seja, representam aspectos de um mundo já compartilhado (NICHOLS, 2005).

No entendimento de Nichols (2005), o documentário adentra ao mundo como representação, fazendo isso ao oferecer um retrato condizente com o mundo que é conhecido ou conhecível, tornando uma base para a crença do real; ademais, os argumentos ou descrições nele inserido, torna possível ver o mundo de uma outra maneira, assim, há uma defesa de um determinado ponto de vista. Assim, há uma representação do mundo histórico e não necessariamente uma reprodução da realidade nos moldes de como ela ocorreu. A representação é produto do seu idealizador, sendo seu ponto de vista do passado.

[...] os documentários representam o mundo histórico ao moldar o registro fotográfico de algum aspecto do mundo de uma perspectiva ou de um ponto de vista diferente. Como representação, tornam-se uma voz entre muitas numa arena de debate e contestação social (NICHOLS, 2005, p. 73).

Como visto, não há como dissociar o idealizador da obra filmica não-ficcional na construção das representações da verdade retratada ao final da película, devido as técnicas utilizadas que espelham seu pensamento. No entanto, mesmo com a presença de um roteiro, não há como prever o que os sujeitos sociais irão reproduzir durante a entrevista; mas não se pode colocar ao largo a possibilidade de edição,

fazendo com que se reproduza tão somente as intencionalidades de seu idealizador. Ademais, na película não-ficcional, há uma tentativa de reprodução de uma realidade anteriormente vivenciada, ou ao menos, a representação dessa. Assim, embora sob a ótica daquele que o produz, há uma gama de fatores que se entrelaçam fazendo com que novas perspectivas sejam abordadas na temática não-ficcional, cujo roteiro já se tinha previamente disposto.

O documentário não-ficcional, como mencionado, vem trazer uma representação da verdade e não uma reprodução fiel dela. Alguns documentários foram realizados sobre a ditadura militar e a guerrilha do Araguaia. Um dos últimos “Soldado do Araguaia” (2018) de Belisário Franca, retrata a história na voz de um ex-militar do regime, trata-se do ex-cabo Elias; o cineasta focou em soldados de baixa patente e oriundos da própria região do Araguaia, onde as famílias destes militares sobreviviam no meio rural. Na época, tais aspirantes às Forças Armadas, tinham no Exército a ideia de um futuro diferente dos vivenciados por seus familiares.

A ditadura no país teve duração de mais de vinte anos, e é possível afirmar que esse foi um período de grande sofrimento e luta para os brasileiros. Vários governantes chegaram ao poder nesse período, cada um com a sua própria característica de comando e controle.

Vale lembrar, que a Guerrilha aconteceu ao norte do Estado do Tocantins. Os discursos sobre o embate e a atuação dos militares foram, na época, legados ao esquecimento, muitos torturados e vários guerrilheiros executados, porém tais episódios foram velados. As execuções presenciadas pela população, em sua grande maioria eram denominadas como sendo suicídios ou fugas, para que durante a vigência do esquecimento institucionalizado, se produzisse uma representação da verdade na elaboração da história oficial. Silva (2016, p. 03) aponta que durante a guerrilha do Araguaia “muitos moradores sofreram de perto com as prisões e torturas, sob a acusação de acobertarem os comunistas ou simpatizarem com seus ideais”. A autora retrata sobre a mobilização dos guerrilheiros na região Norte do Brasil.

Xambioá não foi propriamente o foco de atuação dos guerrilheiros, concentrados em localidades no sul do Pará, mas serviu principalmente como base de apoio aos milhares de militares que se dirigiram para a região com o objetivo de combater os militantes do PCdo B envolvidos com a luta armada contra a ditadura militar (1964-1985).

Silva (2016) ainda destaca a disparidade de armas e o conseqüente massacre engendrado pelo Governo que dizimou os guerrilheiros que se encontravam na região, no desiderato de silenciar os fatos.

Terminado o confronto pela aniquilação dos guerrilheiros resultante da acentuada assimetria de forças e intenção de não fazer prisioneiros, a estratégia do governo militar é a do silenciamento e do esquecimento: não se pode falar; não se deve lembrar a insurgência à ordem nascida nas regiões remotas do país (SILVA, 2016,



Ademais, vale lembrar que os sujeitos sociais neste confronto, não são apenas os guerrilheiros e os militares, também se deve ter atenção a importância dos moradores daquela região que recebeu o conflito armado, Medeiros (2013, p. 258) vem fazer alusão a este ponto ao destacar que

A maioria dos trabalhos sobre a Guerrilha do Araguaia investiga e publicita, basicamente, o conflito armado e a oposição entre guerrilheiros e militares, como se esses fossem os únicos sujeitos históricos desse processo. Nesse sentido, os moradores da região, suas expectativas, seus modos de viver e suas memórias são opacizadas na reconstrução do processo.

A invasão dos militares na região, se tornou marca indelével na paisagem local dos ribeirinhos. A permanência no local da ocorrência da guerrilha até a presente data, fez com que estes sujeitos sociais aguçassem suas lembranças quando do processo de reminiscência. As más experiências vividas durante o embate, fizeram com que os camponeses realizassem uma construção de um discurso agrupador.

O efeito advindo daquele regime em atuação durante a guerrilha, foi sentido também por diversas comunidades ribeirinhas, atingindo os camponeses e índios que ali viviam, transformando suas vidas e alterando sua forma de existência.

A partir do documentário “Araguaia: campo sagrado” serão abstraídas representações da realidade a partir da visão de diferentes atores sociais, com as influências e técnicas de filmagens utilizadas pelo produtor da película, fazendo um processo de recodificação do passado através de instâncias da memória.

No campo da memória, esta pode ser tratada como um arquivo daquilo que nos aparenta importante e marcante. Lembranças alocadas na memória podem sofrer o esquecimento, pela presença de contradições, lacunas, pela pouca importância de certas vivências etc. No entanto, vale ressaltar que quando um arquivo é pouco instigado, utilizado, vai se esvaindo com o passar do tempo.

Quanto a oscilação da memória e suas fragilidades, Silva (2016, p. 2) destaca que

É do acontecimento e da memória que trata este texto e, por isso mesmo, dos movimentos do sujeito em busca do sentido para o vivido, prolongando seus efeitos pelas retomadas da reminiscência, enquanto acrescenta ressignificações. Nessa direção, tomamos como pressuposto de que a memória é sempre ‘imperfeita’, no sentido de sua incapacidade de comportar as ‘agudezas’ da experiência, mas é nela que se constrói a ‘legibilidade’ para o acontecimento, o que sobreveio, o momento fulgural para aquele que se inscreve a posteriori como sujeito da memória.

Ricouer (2007), trata sobre os rastros que levam à lembrança e suas modalidades, vem trazer, também, o apagamento e a persistência destes rastros; nota-se que quando são poucos os resquícios de lembrança, a tendência é que haja um esquecimento

mais acelerado.

Na ditadura militar, sob a égide do autoritarismo, o controle do silêncio político foi permeado na sociedade, as únicas vozes ouvidas foram as da autoridade controladora, que detinha o poder da efetiva distribuição do conhecimento, isto é, transmitindo o que deveria ser propalado e o que necessitaria ser censurado.

Os livros tentam demonstrar em sua grande maioria a visão dos militantes, e acabam apenas reservando espaço para essas interpretações não levando em conta, talvez, a importância do questionamento das fontes independentes e se estas são de origem militante ou militar, ou seja, vencedores ou vencidos – se é que podemos usar tal termo ao falarmos do complexo período em que este trabalho se insere, o que poderia levar a interpretação de tais livros, sobretudo os trabalhados em torno de depoimentos de militantes, que são a grande maioria, a uma nova área de interpretação.

A esse respeito, ilustra Medeiros (2013, p. 258):

Nossa proposta, entretanto, segue em outra direção. Embora reconheçamos a importância da ação dos Guerrilheiros que tombaram nas matas que circundavam os rios Araguaia e Tocantins, lutando pela redemocratização do país, consideramos que a história e a historiografia têm uma dívida para com os demais sujeitos que, num primeiro momento, de forma inesperada, tiveram que se envolver naquele processo, que, a priori, não lhes dizia respeito: os moradores da região na qual o conflito armado entre militares e guerrilheiros fora deflagrado.

Na medida em que há uma correlação entre poder e memória ao inferir a história, cada período analisado, sob a ótica desta relação, deve aderir a uma memória coletiva produtora, para que a relação entre memória e história sirva de “libertação” para os homens.

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens (LE GOFF, 2011, p. 47).

Pretende-se com a análise do documentário “Araguaia – Campo Sagrado” compreender a memória dos camponeses sobre a guerrilha; o que será realizado a partir das narrativas e formas de representações, testando a possibilidade da ocorrência do esquecimento ou silenciamento nos sujeitos sociais. A partir da análise da memória produzida pelas falas dos personagens, dentre eles, de Seu Beca que é um dos atores sociais presentes na abertura e do encerramento desta produção fílmica dirigida por Evandro Medeiros, pretende-se alcançar o que de fato aqueles camponeses e demais personagens recordam do regime totalitário, precisamente da guerrilha do Araguaia.

Perceber-se-á que a narrativa advinda das relações de resistência faz surgir na memorização destes sujeitos sociais, guerrilheiros e camponeses, a lembrança de aspectos cruéis do período e suas consequências, não somente consequências da verdade então silenciada que vigora em um regime autoritário, mas também emergem

aspectos particulares que marcaram de forma indelével aqueles sujeitos. Vindo então, a servir de um desabafo e ao mesmo tempo um refrigério por dar visibilidade a estes ditos esquecidos, que foram silenciados pelo regime de exceção.

Para uma melhor clareza de sentidos, nas percepções dos indivíduos entrevistados na obra fílmica “Araguaia: Campo Sagrado”, sendo que essas percepções vêm a se compor por um somatório dos valores individuais, com a influência dos valores sociais, que serão esteio para toda a atividade de interpretação, em um processo de compreensão, se utilizará a hermenêutica proposta por Gadamer (1989).

Para que haja um processo de compreensão mais produtivo, necessário um grau de interesse elevado, pois a interpretação dada pelo sujeito deriva da absorção de informações inferidas. Ademais, os nossos sentidos produzidos são frutos de uma interpretação arraigada de outras projeções e do nosso próprio modo de atribuição qualitativa advinda de nossas preconcepções.

Pela necessidade da interpretação das falas dos sujeitos sociais a partir da investigação gadameriana, onde se busca um meio para compreensão do indivíduo no mundo, há o cuidado, como já retratado, de se observar os fatores exógenos que permeiam as falas para uma fidedigna percepção dos discursos empreendidos na produção fílmica.

Como mencionado, Gadamer (1999) identifica a necessidade de um processo interpretativo unitário, onde a interpretação e os elementos de aplicação fazem parte da construção do sentido, não havendo disciplinas interpretativas isoladas, devendo ser observados todos os fenômenos em um único processo hermenêutico, que embora de aparência multifacetada, as características múltiplas se tornam partes de um todo. Assim, nas representações sociais de determinados fatos históricos apresentados no documentário, há a necessidade de observância de outros elementos, que não somente a oralidade advinda dos sujeitos sociais. Neste ponto vale lembrar, que para Heidegger, filósofo no qual Gadamer (1999) baseou seus estudos, diz que o sentido vem do mundo, por intermédio das intencionalidades nas compreensões humanas.

Gadamer (1999) não se propõe a conhecer o passado à luz do presente, mas concede ao passado uma singularidade, onde a história deve produzir um conhecimento livre. O ponto alto da interpretação gadameriana é escapar do senso comum, das fórmulas preconcebidas, onde para a penetração dos sentidos, há constante renovação do ato interpretativo.

Assim, vale destacar, que ao abordar o documentário como mola propulsora do presente estudo, há a necessidade de decupagem da obra, analisando cada cena, para que se possa inferir uma interpretação das falas dos sujeitos sociais, até pela motivação de haver a necessidade de descrição das falas para análise conjunta e possível confrontação entre os discursos daqueles atores culturais.

Na tentativa de demonstrar por meio do documentário a experiência dos atores sociais presentes na obra “Araguaia – Campo Sagrado”, deve-se fragmentar as falas, na busca de interpretar as memórias armazenadas no tocante aos eventos ocorridos



durante o regime militar.

Destarte, com o processo de decupagem da obra fílmica, em que será analisado a película em um processo de fragmentação dos sons e imagens, precisamente nas falas, com a necessária transcrição deste elemento sonoro, se retratará a construção da memória, precisamente a coletiva, a partir das representações da verdade.

### 3 | ARAGUAIA: “CAMPO SAGRADO”

Quanto ao objeto de pesquisa, trata-se da produção fílmica de gênero documentário denominado “Araguaia: Campo Sagrado”<sup>1</sup>. A película tem como a temática a Guerrilha do Araguaia, 1971, a partir das narrativas de camponeses que testemunharam ou participaram dos fatos, como presos e torturados pelo então regime de exceção.



Figura 01 - Imagem de Divulgação do documentário

Fonte: (ARAGUAIA..., 2012).

O documentário inicia com uma frase que é parte do livro *Le Petit Prince*, de 1943, do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry, que anuncia “[...] que é preciso que eu suporte duas ou três larvas se quiser conhecer as borboletas”, aparentemente um prenúncio das agruras que serão retratadas pelos sujeitos sociais. Na sequência, faz alusão à Serra das Andorinhas/Martírios localizada no município de São Geraldo-PA., local onde foram despejados os corpos dos guerrilheiros mortos pelos militares, demonstrando por fotos o poderio bélico e tático das forças armadas naquela época.

1 Documentário lançado em 2011 na cidade de Marabá, Estado do Pará, tendo a direção de Evandro Medeiros e produção de Labour Films, com duração de cinquenta minutos

Ao mostrar o poderio militar no documentário, refletido no quantitativo de militares, em todo o aparato bélico e na forma como os militares se organizaram para o embate, são imagens utilizadas como símbolos que retratam a representação histórica da época, para assim, confirmar e agregar às falas dos atores sociais. Observa-se que a interpretação histórica, a partir da hermenêutica, não se pode inferir apenas “em seu correlato no conceito de expressão”, mas atingir também o sentido oculto, aquilo que necessita de ser revelado para a construção histórica (GADAMER, 1999).

Faz como último ato de introdução da película, a citação de uma frase de autoria desconhecida que é “Não existem forças que possam ocultar a história [...]” que retrata a tentativa de demonstrar o que de fato ocorreu naquele período ditatorial. Após, segue-se uma visão de uma mata, onde alguém não identificado, devido ao fato de que a câmera ocupa o lugar do ator, caminha acelerado por uma trilha pela mata, de forma ofegante, provavelmente retratando um guerrilheiro ou camponês fugindo dos militares, momento em que, aos 3’01”, se inicia a fala de um dos atores sociais, “Seu Beca”, camponês da região.

Foi uma guerra suja, uma guerra massacrada. Em todo canto do corpo eu peguei choque. Passei quarenta e cinco dias preso, é... Trinta dia o ‘armoço’, a janta e o quebra jejum era ‘pêa’; só o que a gente comia, dava de comer, mas quem que podia comer? Numa infelicidade dessa. Fui torturado, fui massacrado e fui judiado. Eu não dormi nem um pingão, nem um pingão, nem um pingão; orando a Deus a noite todinha, a lua bonita. A lua bonita, aí eu ... Eu orei a Deus, fiz um voto com o divino espírito santo pra não deixar fazer uma coisa daquela comigo.



Figura 02 – Camponês “Seu Beca”

Fonte: (ARAGUAIA..., 2012).

Percebe-se no gestual do “Seu Beca”, com os dedos em riste nas primeiras frases, que ele possui segurança naquilo que fala. Alega que sofreu tortura dos militares, que o deixaram sem comida, unicamente recebendo agressões nos horários das refeições.

Percebe-se que se trata de uma pessoa religiosa, que clamou a Deus quando viu a lua, provavelmente, do local do cárcere, almejando a liberdade. No processo de intelecção das falas dos sujeitos sociais é primordial o afastamento de determinados preconceitos pois eles prejudicam a construção do saber do passado histórico, devendo se buscar de forma despida de autocompreensão o sentido então produzido (GADAMER, 2002).

Após a anúncio do título do documentário, ao som de tambores, e da bandeira contendo os dizeres litúrgicos Santíssima Trindade, com a apresentação do título do documentário, “Seu Beca” continua sua história. Com precisão de data, aos 03’15”, ressalta o dia do mês em que ocorreu sua prisão, e que foi conduzido à cidade de Xambioá-TO por militares que utilizaram um helicóptero para a sua locomoção. De forma bem simplória aduz que os militares queriam que sua esposa grávida, em dias de parto, o acompanhasse.

É... Dia 14 de Outubro de 1973, eu fui preso pelo exército brasileiro na região aqui do OP2. Eu “tava” com minha mulher gestante, pra ganhar criança em São Geraldo do Araguaia e tinha minha roça aqui, chamava Cento. Eu na região, na... No momento que ela tava no dia de ganhar nenê eu tinha mandado fazer uma farinha antes, tinha mandado fazer uma farinha, trinta saco de farinha. Tinha uma mandioca aqui na roça, mandei fazer uma farinha e ai o pessoal tava fazendo a farinha; dois, era dois homem e uma mulher. Ai eu... A mulher... Eu tinha mandado fazer a farinha e vim, é... Pegar a farinha, a mulher ficou assim com a cara meia ruim já, e eu digo: mulher se você vê que vai ganhar antes de eu chegar... “Não, tu vai de pressa e vem”. Que era viagem de eu ir num dia e voltar no outro né. (...) Quando foi no dia 14 de tardezinha, baixou um “helicopi”, nesse tempo eu num conhecia nem o que diabo era “helicopi”. Era um “helicopi” pequeno, baixou lá onde é o INCRA hoje e era um campo de bola. Quando ela tava, é... Com a dor pra ganhar menino, eles entraram dentro do quarto e queria que a mulher ... O menino já no nascedor, ele queria que a mulher levantasse e caminhasse cinquenta quilômetros atrás de mim de pé. É... Ai... Voltaram, o povo pedindo... As mulher pedindo pra não fazer aquilo, ai a mulher chorando. Na hora que a mulher descansou, num tinha acabado nem de despachar, eles chegaram e pra mulher levantar do jeito que tivesse era pra levantar pra ir atrás de mim, aquela humilhação esquisita.

Ao relembrar a data com precisão, oferece a dimensão do tempo, que para a história é fundamental, pois é produto de sua expressão. “Matéria fundamental da história é o tempo; portanto, não é de hoje que a cronologia desempenha um papel essencial como fio condutor e ciência auxiliar da história” (LE GOFF, 2011).

Aos 04’5’2” de filme, no intervalo de fala de “Seu Beca”, aparece uma cena em preto e branco de um helicóptero levantando voo por entre as serras; muito embora já na década de 60, havia uma hegemonia do cinema em cores, o monocromático serve para fornecer sentido, aguçar a relação com a realidade, pois sem a distração das cores consegue-se a essência do sentido das coisas.

Podemos observar a presença da cor na narrativa no cinema, ao longo de sua história, como resultado não só do desenvolvimento tecnológico, mas como produto das relações combinatórias entre os elementos na produção de sentido, mesmo quando temos como referência a película monocromática combinada com as em cores, intencionalmente usadas para produzir sentido e significar (PALMER, 2015).

Ao ser conduzido na aeronave, os militares utilizaram de manobras que “Seu Beca” retrata como sendo “cavalo-de-pau”<sup>2</sup>, para que, ao sentir dele, ficasse atordoado. Percebe-se que, provavelmente, tais manobras serviam para assustá-lo, na tentativa de facilitar a condução de um possível interrogatório. Alega, também, que foi preso na condição de terrorista/guerrilheiro, em um trecho de seu depoimento relata que foi chamado de “bandido sabido”, forma jocosa para retratar a resistência com que “Seu Beca” havia demonstrado nas perigosas manobras empreendidas pelos militares. Na parte final de sua fala, relata que haviam o levado para um local onde aparentava ser um curral, cercado de arame, no local já se encontravam outros presos, havendo uma proibição de proposições de conversas entre eles.

Na fala de “Seu Beca”, tem-se a percepção que realmente há uma ação seletiva da memória ao aduzir sobre as ações dos agentes do Estado, aquela seletividade retratada por Le Goff (2011), onde vigora a particular dialética entre esquecimento e lembrança, onde a memória não se opõe ao esquecimento, mas se ajustam.

A partir desde momento, seguem as falas de outros atores sociais. Percebe-se que tal situação tem como escopo dar mais credibilidade aos fatos ali narrados, pois há uma sucessão de falas que se encaixam enquanto produção de sentidos, as falas retratam as formas com as quais os militares chegaram na comunidade local.

Vale novamente destacar que os camponeses passaram anos embrenhados em silêncios, e também de alusões e metáforas, moldados pela “angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos” (POLLACK, 1989), no entanto, se lembram de detalhes daquela época, isso se explica devido a intensidade da experiência.

“Dona Madalena”, camponesa, filha de torturado, aos 08’34”, alega que havia a predisposição dos camponeses em dar acolhida aos guerrilheiros, pois chegavam na comunidade pedindo comida e o natural seria auxiliá-los. Porém, não sabiam das consequências do ato, o que fez com que vários camponeses fossem presos e torturados devido à ajuda fornecida. Quando a entrevistada “Dona Madalena”, citando a acolhida aos guerrilheiros, exemplifica ao entrevistador que se este chegasse pedindo comida, ou no dizer da entrevistada “pedindo boia”, seria de costume que ela fornecesse, demonstra o assentimento com a conduta dos demais camponeses, bem como retrata a fiel cultura camponesa, de partilha de alimentos.

O que as pessoas iam fazer? Eles chegavam na casa e um dava comida pra eles comerem. Quando eles descobria, né? Pegava a gente. A gente não sabia né? Porque, assim, por acaso você tá chegando hoje em minha casa e você tá com fome né?! Pede um prato de boia, claro que lhe dou, né?! E era assim que acontecia aqui na região.

“Seu Joaquim”, aos 09’33”, pessoa já idosa, também relata o sofrimento da

---

2 Termo regional utilizado para demonstrar manobras de risco e/ou perigosas.



época, ao apontar para um conhecido ao seu lado em busca de confirmação, descreve as truculências dos militares, recordando de um camponês de alcunha de “Zé Novato” que foi preso em Xambioá-TO, deixado no buraco por um longo período e teve como seqüela a paralisia.

O sofrimento aqui foi triste, aí teve deles aí que ficou paralitico como esse aqui que sabe disso, dessa história. Que o Zé Novato mesmo, coitado do véi Novato, foi preso nesse Xambioá bem aí, apanhou que ficou paralitico; passou não sei quantos tempos dentro de buraco de pedra e dentro de buraco no chão.



Figura 03 – “Seu Joaquim” Camponês

Fonte: (ARAGUAIA..., 2012).

Na imagem, “Seu Joaquim”, dentro de alpendre no vilarejo, vestido de forma bem simplória, gesticulando e com firmeza em suas ponderações, relata os fatos ocorridos durante a guerrilha do Araguaia.

A partir 09’49” da película, os sujeitos sociais já entrevistados reaparecem dando prosseguimento às narrativas dos sofrimentos vivenciados na guerrilha, reafirmando os dizeres de outros entrevistados e trazendo novos fatos da época, de como os camponeses auxiliaram os guerrilheiros e como foi a atuação dos militares na região. Percebe-se nitidamente que o produtor da película faz os recortes para dar maior credibilidade às narrativas dos sujeitos sociais e ao seu próprio ponto de vista. Esta construção da representação da verdade, de um aspecto comum na narrativa, vem das intersubjetividades, assim identificada por Gadamer (2002), como comunhão de opiniões.

“Dona Madalena”, aos 09’52”, na continuidade de entrevista, retrata que as pessoas que foram detidas pelos militares na guerrilha sofreram com a violência, causando-lhes um mal irreparável, em suas palavras alega que “nunca mais foi homem, prestaram...[sic]”. Ela recorda que um conhecido chamado “Silvano” chegou a vomitar sangue, devido aos maus-tratos.





Figura 04 – “Dona Madalena” - Camponesa

Fonte: (ARAGUAIA..., 2012).

A imagem acima demonstra um ambiente de vivência campesina, onde se tem ao fundo, espigas de milho para debulhar, bem como um fogão à brasa. Nota-se, então, que o idealizador da película priorizou um ambiente familiar ao entrevistado, para dar maior comodidade e naturalidade para o ato da entrevista.

O barqueiro Joaquim Borges, com o semblante ainda entristecido, diz que muitos ainda estão doentes devido à violência praticada pelos militares naquela época; em um sinal de dor ao relembrar o passado, abaixa a cabeça, surgindo então a técnica cinematográfica denominada fade-out, que se trata do escurecimento gradativo da imagem, servindo, neste caso, aparentemente, para dar mais consternação à cena.

Aos 16’20” do documentário, com imagens da Vila Boa Vista, em São Geraldo do Pará, os camponeses João de Deus e “Seu Messias” relatam que os guerrilheiros auxiliavam com tratamento de saúde independentemente de possuírem recursos. Próximo dali, demonstram onde seria o local de alojamento dos guerrilheiros, em uma fazenda às margens do Igarapé dos Caianos. Os camponeses começam a indicar onde seriam a casa e o local de banho dos guerrilheiros.

Destaca-se que as diversas cenas que demonstram lugares e coisas que indicam o episódio da guerrilha do Araguaia, são utilizadas pelo produtor para fazer o efeito de aguçar as lembranças deste fato histórico e suas nefastas consequências.

Ainda que seja tecnicamente difícil ou impossível captar todas essas lembranças em objetos de memória confeccionados hoje, o filme é o melhor suporte para fazê-lo: donde seu papel crescente na formação e reorganização, e portanto no enquadramento da memória. Ele se dirige não apenas às capacidades cognitivas, mas capta as emoções (POLLACK, 1989).

Nas entrevistas realizadas para o documentário, denota que das lembranças

advindas do processo de rememoração realizado pelos atores sociais, afloram as emoções calcadas no sofrimento, sentimento de revolta e vontade de justiça.

“Seu Joaquim” alega também que não sabia o significado da expressão, mas com a inocência no olhar, diz que mesmo nos dias de hoje, não sabe o significado pois nunca esteve no exterior. “Seu Joaquim” transparece em sua fala e gestos com os braços, expressando o desconhecimento, uma certa preocupação com o real significado do termo terrorista, aparentemente supondo estar equivocado em seus dizeres. Diz o seguinte: *“Uma coisa que eu nem sei o que diabo é terrorista, eu pelo menos não sabia, e nem sei, porque eu nunca fui pro exterior e dentro do nosso Brasil não existe isso. Se existiu é de poucos tempos pra cá”*.



Figura 05 – “Seu Joaquim” Camponês

Fonte: (ARAGUAIA..., 2012).

Prossegue o documentário com a continuação do depoimento de “Seu Beca”, aos 19’15”, que vem aduzir que os guerrilheiros não eram terroristas, seriam um povo sofredor, pois o que eles queriam era um país menos “cativo”, com mais liberdade, alega que os guerrilheiros o convidaram a se unir na mata, mas com receio dos militares não houve o aceite ao convite. Nesta parte, “Seu Beca” diz que se os camponeses tivessem consentido em aderir aos anseios dos guerrilheiros, já estariam todos mortos. O que se pode inferir é que o entrevistado ao vivenciar a atuação dos militares, deve ter percebido o poderio bélico e tático, bem como a quantidade bem superior de militares frente aos guerrilheiros.

Na continuação do documentário, aos 20’46”, aparece mais uma frase destacada em um fundo na cor preta, com os dizeres “não há corpo que não sangre suas memórias...” mais uma frase de autoria não informada, que traz o prenúncio do local onde foram depositados os corpos dos guerrilheiros mortos violentamente.

“Dona Marcolina”, aos 26’27”, recorda-se quando seu companheiro foi retirado pelos militares da própria casa, detalhando que estava na fonte no momento, chegando

em casa indagou sobre o paradeiro de José, seu companheiro, onde ficou sabendo da notícia de que os militares haviam o levado, não tendo mais contato com o companheiro. Relata que chegavam notícias de que ele havia ficado com distúrbios mentais, suscitando que provavelmente devido à violência empreendida pelos militares. Mais uma narrativa bem detalhada que demonstra a latência do sentimento de impotência frente ao ocorrido na guerrilha. Durante a fala da entrevistada, mostra-se imagens dela se deslocando ao quadro fotográfico da família colocado na sala de sua casa, com a presença de algumas crianças, a cena provavelmente é passada para fornecer uma maior dimensão da dor de “Dona Marcolina”.



Figura 06 – “Dona Marcolina” verificando a posição do quadro da família

Fonte: (ARAGUAIA..., 2012).

Aos 29’27” do documentário, aparece a frase “*Não há mortos que perdoem o braço forte e mão amiga de seus carrascos e assassinos*”, frase de autoria desconhecida, que traz dentro dela o slogan do Exército, no intuito de fazer alusão ao próximo contexto que se refere à violência e crueldade com que os militares conduziam a ação na mata, utilizando dos camponeses, que eram os mateiros, guias daquela época.

Aos 41’11” da película, passa-se a continuidade da entrevista do mateiro *Sinézio*, que aparentemente irritado com o questionamento do entrevistador, chegando a mencionar que se ele soubesse o que era guerra não perguntava aquilo para ele, diz que estava com muito medo, mas tinha que obedecer ao comando dos militares. Breve pausa de imagem, novamente *Sinézio*, que consternado, diz que guerra é guerra, passível de morte de qualquer um. Neste instante utiliza-se o *fade-out* e em seguida o *fade-in*, o escurecimento e o reaparecimento da imagem, neste momento, sem verbalizar, *Sinézio* aparenta se encontrar incomodado com a gravação, pelo fato de estar muito entristecido com o ato de lembrar o passado.

Meu patrão, se uma pessoa se achar, qualquer um homem se achar no meio do exército do jeito de guerra, você também não sabe o que é guerra?! sabe não... sabe não... Se o senhor soubesse não dizia uma coisa dessa pra mim. Que eu

tava ansioso, eu tava era cagando de medo, mas o que eu ia fazer no meio de uns homens desses? Tem jeito não meu filho, guerra é guerra! Morre quem merece, quem não merece, morra criança, morra mulher, morra todo mundo! Essas mulheres tudo sofreram com os maridos apanhando.



Figura 07 - Momento em que Sinézio aparenta um excessivo constrangimento

Fonte: (ARAGUAIA..., 2012).

Aparece no documentário, aos 46'25", os caracteres com os dizeres “para não calar o divino festeja a vida [...]” anunciando a manifestação religiosa, cultural e tradicional realizada pelos romeiros no Festejo do Divino Espírito Santo. É apresentada a cena do Parque Estadual da Serra das Andorinhas, em São Geraldo do Araguaia-PA., local por onde passa a romaria. Este movimento de lembrança e esquecimento faz aguçar a memória da dor no momento da celebração. Ressalta-se, também, que “a vontade de esquecer os traumatismos do passado frequentemente surge em resposta à comemoração de acontecimentos dilaceradores” (POLLAK, 1989).

“Seu Beca” em sua última fala no documentário, alerta que “sem a fé nós não somos ninguém”, demonstrando uma devoção ao litúrgico. Diz que participa desde o início da romaria, sempre auxiliando os romeiros na subida da serra.

Nós sem a fé, nós não somos ninguém. Foi o tempo que começou esse festejo aqui, o padre foi quem mandou me chamar, o padre Nonato, pra formar esse festejo aqui na Serra das Andorinhas. Que eu tinha um burro pra carregar os trem do romeiro pra cá. Ai começamos, e ai eu fiquei naquela luta, carregando gente todos os anos, todos os anos, todos os anos. Todos os anos carregando gente, quando eu “guentei” dezessete anos eu carreguei romeiro sem cobrar nada. Tinha dia de eu não... Eu só assistia só de noite, de dia eu não assistia. Chegava aqui, nesse tempo tinha uma saúde... Tinha cinco burro bom. Ai, a multidão de gente foi aumentando, aumentando e então, é, tem sido a Romaria, tem sido pra quem tem fé, tem feito promessa que é válida aqui, graças a Deus e tamos juntos nessa luta.

Com o canto típico da Romaria, aparece a imagem da Casa da Pedra, Santuário do Divino na serra das Andorinhas, bem como as práticas litúrgicas realizadas pela



romaria. Pode-se perceber que a narrativa religiosa serve para demonstrar que mesmo diante de um passado tenebroso, onde foram deixadas marcas indeléveis, ainda assim, emerge a esperança de um povo, consciente de sua força, onde de vitimados passam a ser protagonistas de um futuro melhor, com liberdade e justiça.



Figura 08 - Festejo do Divino

Fonte: (ARAGUAIA..., 2012).

Na parte final do documentário, aparece a frase “Não há forças que possam deter a história que emerge da dignidade humana [...]”, a expressão serve para demonstrar que mesmo com toda força exercida para ocultar a verdade, ela sobressai na própria essência humana; e, apontar a situação degradante vivenciada na época da guerrilha, contextualizada em toda a produção fílmica, é uma forma de comunicação para propalar uma representação da verdade, na produção de pensamentos não dissentidos.

É somente pela capacidade de se comunicar que unicamente os homens podem pensar o comum, isto é, conceitos comuns e sobretudo aqueles conceitos comuns, pelos quais se torna possível a convivência humana sem assassinatos e homicídios, na forma de uma vida social, de uma constituição política, de uma convivência social articulada na divisão do trabalho. Isso tudo está contido no simples enunciado: o homem é um ser vivo dotado de linguagem (GADAMER, 2002).

O Documentário finaliza com a música de Zé Ramalho, “As danças das borboletas” e a imagem de um pôr do sol, seguindo-se os créditos da película. A invasão das borboletas é propícia para indicar, no contexto do documentário, a disseminação da verdade aos olhos daqueles que foram esquecidos pela história. Os camponeses, atores sociais na produção fílmica “Araguaia: Campo Sagrado”, trazem à lembrança os movimentos ocorridos durante a ditadura militar, precisamente na guerrilha do Araguaia, que mudaram a vida e o cotidiano daqueles que sobreviveram ao regime de exceção.



No momento em que se finaliza o documentário, tem-se a percepção que a memória coletiva produzida pelos sujeitos sociais é arraigada de detalhes da atuação dos agentes do estado dentro da região daquela comunidade. Permanecendo viva a memória das relações interpessoais com os guerrilheiros, percebe-se que os atores sociais cultivaram bastante apreço por aqueles que eram contrários ao regime militar e, em sua maioria, se identificaram com a causa; bem como se tem perceptível que as investidas dos agentes do Estado às margens do Rio Araguaia, principalmente com o povo ribeirinho, foram avassaladoras, subjugando o campesinato e aproveitando de sua simplicidade.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas seções do presente trabalho acadêmico abordou-se a partir do documentário “Araguaia – Campo Sagrado”, a produção da memória da guerrilha do Araguaia, ocorrida no ano de 1971, centrada nas falas dos sujeitos sociais presentes naquela produção fílmica.

Ao se dedicar ao processo de decupagem do objeto de pesquisa, cuidou-se de abordar a construção fílmica desde suas primeiras cenas, demonstrando a forte predominância do produtor em retratar em imagens as atrocidades do regime militar e da atuação das forças armadas na guerrilha do Araguaia.

Nas falas dos entrevistados, em sua maioria camponeses, por muito tempo silenciados, percebeu-se que além dos guerrilheiros, o campesinato da região também foi atingido naquele embate, as comunidades ribeirinhas amargaram as crueldades advindas da guerrilha. Os atores sociais presentes no documentário demonstram uma coerência em suas falas, aparentemente o produtor fez durante a técnica da montagem das cenas, uma coordenação nas aparições dos sujeitos, demonstrando uma harmonia na produção de sentidos.

Emerge das falas dos sujeitos sociais, sobretudo camponeses, o pavor vivenciado na época e, dentre eles, alguns que com receio e medo, tiveram que auxiliar os militares em meio às matas, sacrificando a vida de outros camponeses. Houve uma série de atos atrozos por parte dos militares para amedrontá-los e forjá-los a não auxiliar os guerrilheiros, bem como dizer sobre a localização destes.

Ao longo do estudo, denota-se que por muito tempo, os camponeses e índios permaneceram silenciados pela ausência de suas versões junto a história dita oficial. A representação da verdade vista aos olhos destes camponeses é um fato cuja crueldade do regime é novamente reafirmada.

#### REFERÊNCIAS

ARAGUÁIA: Campo Sagrado. Direção: Evandro Medeiros. Produção: Labour Filmes. Direção: Evandro Medeiros. Roteiro: Paulo Fonteles Filho. (53min.). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=e44hXBBaHrw>>. Acesso em: 3 fev. 2017.

BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

\_\_\_\_\_. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.

MEDEIROS, Euclides Antunes de. Guerrilha do Araguaia: memórias à margem da história. **Outros Tempos**, v. 10, n. 16, p. 256-284, 2013.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas (SP): Papyrus Editora, 2005.

PALMER, Marcos Ubaldo. **COR E SIGNIFICAÇÃO NO CINEMA: produção de sentido no filme A Invenção de Hugo Cabret, de Martin Scorsese**, 2015. Disponível em: [http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Comunicacao\\_PalmerUP\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Comunicacao_PalmerUP_1.pdf) . Acesso em: Março 2018.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, Hilário Xavier dos. **O essencial da ditadura militar brasileira**. São Paulo: Luminária Academia, 2014.

SILVA, L. H. O. Memórias da guerrilha: acontecimento e história. In: MENDES, Conrado Moreira; LARA, Gláucia Muniz Proença (org.). **Em torno do acontecimento**: uma homenagem a Claude Zilberberg. Curitiba: Appris, 2016. v. 1.

SOUZA, Tania Conceição Clemente de. **A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação**. RUA – Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp - NUDECRI, vol. 7 (65-94), Campinas, 2001.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Ação Penal 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67  
Amarração 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35  
Análise de políticas públicas 187  
Anarquismo 176, 177, 178, 182, 184, 185  
Anarquista 176, 177, 178, 179, 181, 182, 185  
Araguaia-Campo Sagrado 157

### B

Branquitude 198, 199, 200, 201, 202, 206

### C

Caricatura 217, 219, 220, 227  
Caridade 110, 114, 115, 117, 118  
Carnaval 1, 3, 4, 5, 6, 9  
Ceará 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36  
Colonização 19, 39, 80, 82, 83, 84, 93, 119, 124, 128, 133, 134, 136, 146, 199, 202, 215  
Crise 112, 145, 176, 179, 181, 185, 213, 217  
Crítica da Economia Política 13, 24  
Cultura histórica 208, 210, 212

### D

Democracia 9, 10, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 194, 211  
Discurso Econômico 13, 14, 23, 24

### E

Economia Política 13, 18, 21, 22, 23, 24  
Educação 37, 43, 44, 45, 78, 79, 96, 102, 106, 108, 115, 119, 126, 136, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 182, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 211  
Educação patrimonial 108, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156  
Encantaria 80, 81, 82, 85, 86, 87, 88, 91, 93, 94  
Ensino de História 1, 4, 43, 44, 106, 107, 215  
Escola de samba 1, 3, 4, 5, 6

### F

Filme 157, 159, 166, 169, 175

### G

Golpe 176, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 211  
Guerra do Paraguai 217, 219, 220, 227

Guerrilha do Araguaia 157, 158, 161, 164, 175

Guia básico de educação patrimonial 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155

## H

História da Educação 187, 191, 195, 201

História do Brasil Colonial 119

História do Direito 58, 63, 64, 65, 67, 68

História do Processo Penal 58, 63

História local 95, 148, 156

Historiografia 4, 25, 28, 37, 62, 63, 112, 136, 137, 141, 144, 162, 179, 208, 212, 215, 217, 220

## I

Identidade 3, 5, 6, 7, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 42, 48, 49, 70, 72, 73, 78, 96, 97, 98, 104, 118, 175, 198, 199, 209, 210, 215

Ideologia 13, 14, 15, 17, 20, 23, 24, 27, 32, 113, 116, 117, 178, 199, 203, 216

Indígenas 3, 9, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 183, 199, 202

## J

Judith Butler 70, 71, 73, 75, 77, 78, 79

## L

Legislação 60, 66, 133, 139, 141, 142, 187

Lulismo 187, 188, 189, 191, 194

## M

Maranhão 25, 32, 34, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 93, 94, 119, 144, 145

Matéria Cavaleiresca Alemã 80

Memória 4, 36, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 85, 86, 96, 97, 98, 100, 102, 106, 108, 109, 149, 151, 152, 154, 156, 157, 158, 161, 162, 164, 167, 169, 172, 174, 175, 212, 214, 215, 220, 227

Michel Foucault 70, 71, 72, 74, 78

Missão 119, 120, 122, 123, 124, 125, 129, 131, 143, 144, 192

## N

Negociações 38, 39, 58, 63, 64, 66, 67

## O

Ordem de São Francisco (OFM) 119

## P

Periódicos 28, 31, 65, 98, 180, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224

Pesquisa 25, 28, 37, 38, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 63, 64, 65, 66, 72,

92, 95, 96, 98, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 148, 150, 158, 164, 174, 176, 178, 180, 184,  
185, 187, 188, 192, 196, 198, 199, 201, 203, 204, 205, 208, 213, 217, 227

Piauí 25, 26, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36

Pobreza 110, 111, 113, 114, 116, 177, 189, 190

Política Educacional 187

## R

Racismo 7, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 212

Regime militar 9, 10, 157, 158, 164, 174

## S

Samba enredo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 11

Subjetividade 198, 200

## T

Teoria Queer 70, 71, 72, 73, 75, 78, 79

Transição ao capitalismo 13

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**